

DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA ELIZABETH MADUREIRA SIQUEIRA
22 de novembro de 1995

Em 1976, chegando a Mato Grosso, tivemos como missão integrar uma equipe de trabalho que tinha como atribuição maior a tarefa de fundar um organismo cujo objetivo precípuo era o de implementar trabalhos de recuperação, arranjo e divulgação de fontes histórico-culturais de Mato Grosso. Nascia do NDIHR – Núcleo de Documentação e Informação Histórica – na Universidade Federal de Mato Grosso.

Na divisão inicial das tarefas, além da função acadêmica, coube-nos a sistematização do acervo bibliográfico da Casa Barão de Melgaço. Essa residência foi, em Mato Grosso, nosso primeiro abrigo intelectual, pois dedicávamo-nos integralmente a esse trabalho, uma vez que a regência das aulas ainda estava por se iniciar. Dessa forma, durante um ano e meio frequentamos este recinto que, com suas paredes altas, com seus salões arejados e confortáveis, dava-nos a sensação de um aconchego carinhoso e fraternal, de que todo chegante tanto necessita.

O retrato de Augusto Leverger, o Barão de Melgaço, logo à soleira do primeiro portal, indicava-nos não só o sentido e o peso da responsabilidade de missão tão nobre, como, adentrando ao salão-mor, este em que estamos hoje reunidos, o semblante de cada Patrono alertava e entusiasmava-nos a assumir com galhardia missão tão fascinante: a de poder sentir mais proximamente uma ambiência cultural cuja memória ali se encontrava depositada. Assim, cada livro, cada periódico, cada manuscrito tinha para nós um significado especial – a tradição herdada – e por isso foram tratados como preciosidades, como raridades, peças e exemplares únicos, objeto de respeito à memória de um grupo de intelectuais que, com suas produções, deu vida à Casa e colaborou para a abertura dos primeiros espaços culturais em Mato Grosso.

O acervo existente na Casa Barão de Melgaço é digno de destaque, seja pelos múltiplos periódicos recebidos das várias instituições culturais do Brasil, onde sobreleva-se a série de jornais, cuja coleção, raríssima, veio a alimentar e impulsionar o Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros, executado pela UFMT- NDIHR e coordenado pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Dentro desse programa, obras raras desta Casa foram igualmente reproduzidas e preservadas em microfilmes e que hoje estão sendo consultadas por diversos pesquisadores. Essa coleção, considerada preciosa, foi consubstanciada no Catálogo Bibliográfico Mato-Grossense organizado pelo bibliotecário Walter Monte Cruz.

Assim, a Casa Barão de Melgaço serviu de moto propulsor dos trabalhos de preservação da memória histórica regional, pois tanto o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, como a Academia Mato-Grossense de Letras foram os geradores e guardiões iniciais e atuais dela.

Lembramos, com carinho, dos Acadêmicos e historiadores, sempre presentes na Casa durante o período em que aqui trabalhamos: Gervásio Leite, Rubens de Mendonça, Vera Randazzo, Lenine de Campos Póvoas, Dunga Rodrigues e muitos outros, com quem trocávamos conhecimento e aprendemos a reconhecer o espaço, a localizar a documentação, enfim, com os quais mantivemos uma convivência harmoniosa e de efetiva parceria.

Pela riqueza do trabalho e convivência frutífera com essas personalidades, timbrados pelo aconchego e carinho, afeiçoamo-nos à Casa Barão de Melgaço, e mesmo

tendo dela nos afastado temporariamente, por termos retornado em tempo integral à Universidade Federal de Mato Grosso, manteve-se ela como referencial básico, pois representava o nosso primeiro contato com a cultura mato-grossense.

O retorno efetivo a essa Casa se deu em 1987, quando fomos convidados a fazer parte do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Desde então, vimos colaborando com o projeto da instituição que, no presente ano, comemorou, a 8 de abril, 75 anos de existência, numa recíproca relação de respeito e constante aprendizado.

A Academia Mato-Grossense de Letras é uma instituição que congrega intelectuais em torno de uma proposta básica: o incentivo à produção e divulgação da literatura e da cultura que, em conjunto com outras instituições, dinamizam o cenário intelectual de Mato Grosso. Esse papel foi construído ao longo de seu percurso histórico. Em 1921 nascia uma agremiação, célula mater da nossa Academia, qual seja, o Centro Mato-Grossense de Letras, sodalício que congregou grupo seletivo de intelectuais, quase todos ex-alunos do Liceu Salesiano. Após onze anos de fecunda existência, pois tinha como veículo de divulgação de seus trabalhos uma importante Revista, este Centro veio a se transformar em Academia Mato-Grossense de Letras. Em seus 74 anos de existência, dirigiram a Instituição: José Barnabé de Mesquita (1921-1961), Antônio de Arruda (1962-1967), Antônio Cesário de Figueiredo Neto (1967-1969), Pe. Wanir Delfino César (1979-1974). Após o falecimento desse último, a Academia passou a ser temporariamente administrada por dois de Acadêmicos, Francisco Alexandre Ferreira Mendes (Vice-Presidente) e por Rubens de Mendonça (1º Secretário). Seguidos de Gervásrio Leite (1974-1981), Lenine de Campos Póvoas (1981-1991), Clóvis de Mello (1991-1993) e, a partir de 1994, pelo Dr. João Alberto Novis Gomes Monteiro.

Uma historiadora na Academia de Letras? Seria isso cabível? Acreditamos que literatura e história mantêm entre si uma estreita relação de complementaridade. Se a história tem como preocupação o ocorrido, a análise interpretação do acontecido, a literatura, por outro lado, trabalha com os múltiplos desejos, sonhos, anseios que foram expressos durante os acontecimentos, mas que, muitas vezes, não conseguiram fazer-se representar no registro destes, ou seja, foram silenciados no momento da construção do fato histórico.

Ninguém melhor do que Aristóteles, na *Poética*, para definir a complementaridade entre estes dois campos do conhecimento. Dizia ele: *Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postas em versos as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser de história, se fossem em verso o que eram em prosa) – diferem sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder.*

Dessa forma, um diálogo silencioso se estabelece entre literatura e história. Nas palavras de Nicolau Sevcenko, em sua obra *Literatura como missão, a literatura portanto fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. O real não se subordina ao possível; o contingente não se opõe ao necessário. Pode-se, portanto, pensar numa história dos desejos não consumados, dos possíveis não realizados, das idéias não consumadas.*

Estamos hoje assumindo a Cadeira nº 29 da Academia Mato-Grossense de Letras a qual tem como Patrono Antônio Corrêa da Costa e como titulares ocupantes, Virgílio Alves Corrêa Filho e Virgílio Alves Corrêa Neto.

Antônio Corrêa da Costa descende de uma família de políticos mato-grossense em cuja linhagem podemos destacar três homônimos: o primeiro deles integrou as duas Juntas

Governativas de Cuiabá, em 1821, momento em que esta cidade disputava, com a primeira capital de Mato Grosso, Vila Bela da Santíssima Trindade, a primazia de ser a sede governativa da então província de Mato Grosso. O segundo deles, governou por cinco vezes a província, tendo desempenhado um importante papel como articulador político no momento da eclosão da Rusga, movimento armado deflagrado em Cuiabá em maio de 1834. Nosso Patrono e homenageado especial, foi neto desse último. Depois de ter estudado em Cuiabá e cursado o preparatório junto ao Seminário Episcopal da Conceição, Antônio Corrêa da Costa formou-se engenheiro pela Escola Central de Engenharia, hoje Politécnica, do Rio de Janeiro. De volta a Cuiabá, foi professor de Matemática junto ao Liceu Cuiabano onde lecionava, tal como seu pai, a cadeira de História e Geografia. Após essa experiência, nosso biografado dirigiu o Externato Mato-Grossense, estabelecimento de ensino que fundara em sociedade com dois outros jovens, Esperidião da Costa Marques e João Carlos Muniz.

Governou o Estado de Mato Grosso num período bastante conturbado politicamente, qual seja, aquele que sucedeu aos primeiros anos de vigência do regime republicano, palco de ferrenhas disputas entre grupos oligárquicos pelo comando político estadual. Antônio Corrêa da Costa foi o segundo Presidente Constitucional de Mato Grosso, tomando posse a 15 de agosto de 1895. Seu governo foi marcado por importantes realizações: regulamentou a extração da erva-mate; implementou uma importante reforma na Instrução Pública; remodelou a tipografia oficial, hoje IOMAT; estabeleceu normas precisas para o julgamento dos processos de legitimação de posse de terras no Estado.

Sua saída do governo, em janeiro de 1898, deveu-se a um fato aparentemente pouco relevante, mas capaz de provocar sua renúncia: o famoso “caso do bonde”, como passou para a história regional. O tráfego das principais ruas de Cuiabá, no início do século XX, era feito por bondes, pequenos vagões que corriam sobre trilhos e eram puxados por animais. O trajeto da linha de bonde interligava o porto até o antigo Largo da Mandioca, hoje Praça Conde de Azambuja. Devido ao mau estado de conservação desse meio de transporte, o chefe de polícia determinara o recolhimento dos vagões para efetuação dos reparos. Nesse dia, Generoso Paes Leme de Souza Ponce, que havia ido ao Porto, utilizando-se do bonde, dali regressava e, na altura do Rua Treze de Junho, cruzamento da atual Avenida Dom Bosco, resolveu o chefe de polícia ordenar ao condutor que recolhesse imediatamente o veículo. Ao declarar essa ordem aos passageiros, o maquinista ouviu, do fundo do veículo, uma outra ordem: *segue o bonde*. Era a voz de Generoso Ponce. O maquinista, frente ao comando emanado de tão dignatária autoridade, pois Ponce, além de grande líder político regional, ocupava naquele momento uma cadeira no Senado da República, fez seguir o bonde até o ponto final. No entanto, o chefe de polícia, vendo sua ordem contrariada, pediu demissão do cargo, colocando Antônio Corrêa da Costa numa situação de impasse frente à sobreposição de poderes. Decidiu, também ele, pela renúncia, mesmo sendo aliado político de Generoso Ponce.

Após ter deixado o governo em 1898, a facção política a que se vinculara, liderada por Generoso Ponce, entrou em confronto aberto com o grupo oligárquico comandado por Antônio Paes de Barros que, ascendendo ao governo do Estado, viu retirar do cenário político boa parcela de seus opositores. Esse grupo dissidente era liderado por Generoso Ponte, Antônio Cesário de Figueiredo, os Medeiros de Corumbá e Antônio Corrêa da Costa, os quais, mediante o contexto político estabelecido, resolveram se autoexilar no Paraguai. De lá, não deixaram de fazer tenaz oposição ao governo de Totó Paes, através do jornal *A Reação*. Esse periódico, fundado em 1902, circulou por um ano e em seu

frontispício lia-se: *Publicado no Paraguai por falta de garantias políticas no Estado de Mato Grosso.*

Além das lides político-administrativas, Antônio Corrêa da Costa deixou diversos textos literários e históricos, dentre eles podemos destacar *Os predecessores dos Pires de Campos e Anhanguera*, publicado em 1918, integrando o conjunto de trabalhos editados por ocasião do bicentenário da fundação de Cuiabá e, sobretudo, no momento da fundação do Instituto Histórico de Mato Grosso. Nessa obra, Corrêa da Costa traça um perfil histórico do processo de colonização da América espanhola, afunilando a análise nos motivos que determinaram a paralisação do avanço espanhol para o Leste, fator que garantiu a permanência dos portugueses além da linha demarcatória de Tordesilhas. De acordo com essa concepção, não fosse o desvio efetuado por Nunfrio Chaves durante suas andanças pelo Peru, seguido de seu assassinato, *por certo teria ele descoberto as minas de ouro de Cuiabá e este fato determinaria o êxodo dos espanhóis de Assunção e Santa Cruz para Mato Grosso.*

O primeiro ocupante da Cadeira nº 29 foi Virgílio Alves Corrêa Filho, historiador eminente que marcou indelevelmente a historiografia nacional e mato-grossense não só pelo rigor e competência mas, sobretudo, pela intensa e volumosa produção – mais de 200 títulos entre livros e publicação em periódicos. Profundo conhecedor e investigador incansável da realidade mato-grossense, Virgílio Corrêa Filho analisou o contexto regional sob os mais variados aspectos: educação, economia, política, geografia, história, cultura, demografia, enfim, o conjunto da produção de Corrêa Filho tem servido de base para as pesquisas referentes a Mato Grosso e sua leitura é pré-requisito para a elaboração de qualquer trabalho.

Nasceu em Cuiabá, a 9 de janeiro de 1887, formando-se em Engenharia pela Faculdade do Rio de Janeiro e tendo, espontânea e autodidaticamente adquirido uma forte bagagem no campo das Ciências Humanas e Sociais, seara do conhecimento na qual muito colaborou. Em 1910 participou dos trabalhos de engenharia de construção da estrada Cuiabá-Chapada dos Guimarães. No ano seguinte, retornou ao Rio de Janeiro onde se engajou nos trabalhos de construção ferroviária, o que lhe tomou três anos inteiros. Retornou à sua terra natal no ano de 1915 e aqui permaneceu até 1926, período que ele próprio denominou, em suas memórias, de *temporada fecunda*. Em 1919 foi um dos fundadores do Instituto Histórico e em 1921, do Centro Mato-Grossense de Letras.

Ao analisar essa fase da trajetória intelectual de seu pai, Samuel Augusto Alves Corrêa destaca que, após ter sido nomeado professor do Liceu Cuiabano e, logo depois, da Escola Normal, *consolidou suas credenciais de cultura e caráter que muito contribuíram para que fosse incumbido por D. Francisco de Aquino Corrêa para elaborar a monografia intitulada “Mato Grosso”, obra comemorativa do bicentenário da Independência do Brasil.* Esse trabalho representou um importante marco na arrancada intelectual de Virgílio Corrêa Filho que, a partir de 1922, jamais deixou de escrever, ocasião em que vem a lume: *Raias de Mato Grosso* (4 volumes), *Notas à margem*, a coleção das preciosas *Monografias Cuiabanas* (*Questões de ensino, Evolução do Erário, A propósito do boi pantaneiro, indústrias mato-grossenses e À sombra dos ervais mato-grossenses*), culminando, em 1969, com a substancial *História de Mato Grosso*.

Toda essa intensa atividade intelectual foi produzida ao lado do exercício de seus competentes trabalhos enquanto engenheiro e administrador, reconhecidos publicamente pela inequívoca competência. Destacamos também a cívica contribuição de Corrêa Filho

nos cargos de Secretário das Finanças do Estado de Mato Grosso e, mais tarde, à frente da Secretaria Geral do Estado.

A partir de 1926, fixou residência definitiva no Rio de Janeiro onde não só continuou a escrever sobre a realidade regional, mas projetou-se no cenário historiográfico nacional como membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, organismo que secretariou durante muitos anos. Na então capital da República, Virgílio representou nosso Estado em diversas ocasiões, a pedido dos governos mato-grossenses. Duas delas redundaram em ganhos geo-políticos para Mato Grosso: na Questão Antonina, quando o governo mato-grossense conseguiu readquirir grande parte das terras que constituem hoje o Estado de Mato Grosso do Sul, reivindicadas pelos herdeiros do Barão de Antonina; numa segunda ocasião, seus trabalhos investigativos foram fundamentais nas decisões tomadas na questão da fronteira Mato Grosso/Goiás, tendo sido as *Raias de Mato Grosso*, com seus dados e registros precisos, o instrumento que embasou a decisão jurídica a favor de Mato Grosso. Virgílio Corrêa Filho representou, nessa medida, um marco não só na historiografia regional, mas uma personalidade respeitada e considerada pelas mais elevadas instituições culturais de nosso país, tendo seu nome no círculo da engenharia nacional.

O **segundo ocupante** da Cadeira nº 29 foi o **Dr. Virgílio Alves Corrêa Neto**, sobrinho do historiador. Nasceu em Cuiabá a 21 de janeiro de 1908, formou-se médico pela Faculdade do Rio de Janeiro e, em seu retorno a Mato Grosso, lecionou em Campo Grande e mais tarde em Cuiabá, onde foi professor de física e química junto ao Liceu Cuiabano, estabelecimento de ensino que mais tarde veio a dirigir. Na área médica, Dr. Virgílio desenvolveu importantes teses, fruto de pesquisas, podendo ser destacado o Doutorado *Mola Hidatiforme* e as publicações *Mortalidade por tuberculose em Cuiabá, Corumbá e Campo Grande*, artigo elaborado em parceria com o Dr. Hélio Ponce de Arruda; *Inquérito epidemiológico sobre a malária*; *O Conselho Regional de Medicina e o seu relacionamento com o hospital*. Um outro trabalho, sumamente interessante, versou sobre *Hérnias diafragmáticas e dentição precoce*. O Dr. Virgílio esteve por muitos anos à frente do Conselho Regional de Medicina, tendo sido Conselheiro não somente deste como do nacional.

Seu engajamento na política se deu pelos idos de 1940, ocasião em que se elegeu Deputado Estadual. No período que se seguiu ao final do Estado Novo, conhecido como *Redemocratização do País*, aos Estados atribuiu-se a incumbência da redação de suas constituições. Dessa forma, em dezembro de 1947, procedeu-se em Mato Grosso a eleição à Assembléia Constituinte Estadual, momento em que a ela concorreram a UDN, o PSD, o PTB, o PR e o PCB. Dr. Virgílio foi eleito Presidente dessa mesma Constituinte. Sabedor da necessidade de dispor de muita habilidade política na condução dos trabalhos, em seu discurso de posse incitou os constituintes para a união necessária no momento da elaboração da Carta Magna do Estado. Rubens de Mendonça, em sua importante obra *História do Poder Legislativo de Mato Grosso*, transcreveu um trecho do discurso pronunciado pelo Dr. Virgílio no momento da sua posse: *É mister que nós, elementos integrantes do Poder Legislativo, conjuguem nossos esforços numa consciente sinergia, deixando à margem ressentimentos pessoais e preocupações de oposicionismo e colaborem com o Poder Executivo, de maneira franca e decisiva, patriótica e leal, nessa obra de soerguimento econômico-financeiro do Estado*.

Ao se dirigir aos colegas constituintes, não deixou de atrelar a poética à política. Dizia ele: *Em tempos que já vão longe, como o poeta Augusto dos Anjos, penetrei em meu coração. E erguendo os gládios e quebrando as hastas. No desespero dos iconoclastas,*

quebrei a imagem de meus próprios sonhos. Da fase rósea da adolescência à idade em que as cãs começam a branquear, teimosa e lividamente as têmeoras, sem aspirações políticas, minha vida tem sido um incessante caminhar pela estrada pedregosa da Medicina. Permitiste-me agora, com e imerecida escolha do meu nome, que reconstituísse um sonho de meninice, ascendendo, como meu avô e meu pai, à Presidência desta Augusta Assembléia.

Foi inspirado nessa experiência política que o Dr. Virgílio Alves Corrêa Neto fez publicar, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, do qual era sócio efetivo, o artigo intitulado: *O Estado de Mato Grosso no período Dutra*. Em 1951, elegeu-se Deputado Federal por Mato Grosso, cargo a que foi levado pela brilhante, paciente e criteriosa atuação na política regional, tendo ainda deixado sua contribuição junto ao Rotary Club, organismo que presidiu regionalmente.

Para finalizar, gostaria de, brevemente, externar nossa satisfação por assumir a Cadeira nº 29, patrocinada e ocupada por tão ilustres e reconhecidas personalidades.

A noite de hoje se reveste de tripla homenagem, ao Patrono, aos Ocupantes anteriores e a Gentil Bussik, poeta e músico de valor e extrema sensibilidade, cujas obras, verdadeiras pérolas musicadas, retratam o cenário mato-grossense profunda, pujante e poeticamente. Algumas de suas peças estão sendo apresentadas nessa noite pelo quarteto amigo, Wilson Medrani da Rosa, Nicolau Priante Filho, Reinaldo Rodrigues Oliveira e Eliete Maia Teixeira que, com sensibilidade e musicalidade peculiares, reproduzem Gentil Bussik com tons e cores regionais. A eles e a Dino Signorelli, coordenador geral da parte artística, o nosso agradecimento especial. As peças apresentadas, no dia da música, não poderiam deixar de ser aquelas regionais que, sob a inspiração de Gentil Bussik, são capazes de transportar-nos à Cuiabá antiga, num delicioso enlevo poético e lírico, rumo ao passado.

Para elevar ainda mais a nossa alegria, fomos saudada, em nome da Academia Mato-Grossense de Letras, por Pedro Rocha Jucá, personalidade que marcou e marca ainda hoje a vida jornalística de Mato Grosso não somente pela inteligência e dinamismo, mas, sobretudo, pela sua capacidade de trabalho, desvelo e dedicação às causas culturais. O Acadêmico Jucá tem seu nome indelevelmente timbrado na historiografia regional onde vem contribuindo de forma vigorosa, e também no âmbito da administração pública, quando ocupou recentemente a Secretaria Municipal de Cultura, conquistando um lugar cativo no coração de todos os cuibanos e mato-grossenses.

O processo que levou-nos a decidir pela inscrição da Cadeira nº 29 foi marcado por um percurso que vale a pena referenciar. Quando tomamos conhecimento das vagas existentes junto à Academia Mato-Grossense de Letras, um impulso impeliu-nos a ler o editar e até mesmo a escolher uma das cadeiras cavantes. De repente, os dedos no computador atualizavam o currículo e, enquanto, ansiosos, aguardávamos o final da impressão, indagamos: O que está impulsionando-nos em direção a essa Instituição? Seria a vaidade de vir a nos tornar Imortal? Mas, genericamente, a imortalidade é uma característica intrínseca do ser humano, pois ele, durante sua existência, constrói cotidianamente sua eternização como sujeito de uma história única, cujas marcas no social tornam sua passagem pela terra inesquecível e, por isso mesmo, imortal. Por outro lado, a imortalidade preconizada pela Academia de Letras não tem como foco o indivíduo, mas sim objetiva eternizar e garantir a perpetuação da Instituição, pois cada Cadeira ao ser preenchida garante a vida da Academia, imortalizando-a através da relembração de seus

Patronos e Acadêmicos falecidos. Portanto, muito mais que o sentimento da vaidade, deve pesar sobre o Acadêmico a responsabilidade histórica de seu papel.

Na sequência do racionício, agora já grampeando freneticamente os papéis impressos, novamente questionamos: Se não é a imortalidade, seria a pretensão de tornarmo-nos uma poetiza, uma contista ou de um dia vir a escrever nossas memórias? Fora de cogitação, pois o tempo seria curto para uma preparação competente e adequada. Enfim, o que impulsionava-nos a este gesto, além da certeza do prazer e do aprendizado no convívio com grupo seletivo de intelectuais? Mas, isso, poderíamos usufruir sem, necessariamente, ter que fazer parte dos quadros da Instituição. Foi então que, recostando na poltrona, esforçamo-nos por nos livrar do viciado e enganador pensamento causal e buscando no fundo do peito encoberto pelas nuvens da racionalidade, encontramos o verdadeiro motivo que guardamos, como que em segredo, para, hoje, poder revelá-lo a todos vocês.

Durante 20 anos de trabalho junto à Universidade Federal de Mato Grosso sentimo-nos como que vivendo numa metrópole, primada pela pluralidade de campos da Ciência, pelos diversos recortes epistemológicos, pela múltiplas ideologias, pela heterogeneidade de etnias, enfim, vivíamos num macro-universo onde muito aprendemos e, principalmente, pudemos nos integrar através de propostas que convergiam para a recuperação da memória histórica regional. Foi apostando nessa direção que abandonamos a dissertação de Mestrado, iniciada em São Paulo, e abraçamos o estudo e a pesquisa de Mato Grosso. Paulatinamente ele, que inicialmente parecia-nos algo distante e obscuro, acabou se tornando, no decorrer de anos de leituras e investigações, familiar, cujo processo consubstanciamos em modesto compêndio didático.

Concluímos, portanto, que as raízes plantadas em São Paulo com o cordão umbilical, já se encontravam rotas, pois haviam se estendido a mais de 1.300 quilômetros de distância, rumo a Mato Grosso. Foi então que pudemos avaliar com clareza essa transformação e, olhando com mais acuidade, conseguimos enxergar o trançado desenhado pelas raízes que aqui foram fincadas nessas duas décadas. Percebemos, então, que nossa identidade com esta terra era muito mais profunda e substantiva do que aparentemente imaginávamos, e que a nossa inscrição como pleiteante a uma Cadeira na Academia Mato-Grossense de Letras correspondia, na realidade, ao selamento claro e evidente dessa opção.

Assim, esta posse é acompanhada de um forte sentido de reenraizamento e, portanto, de revitalização, de renascimento. Por isso estamos aqui e com toda disposição para colaborar com a Instituição que hoje nos acolhe, esperando que os Acadêmicos, agora Confrades, aceitem nossa contribuição no campo da recuperação da trajetória histórico-literária de Mato Grosso, especialmente quando, no próximo ano, a Academia Mato-Grossense de Letras comemorará o seu Jubileu de Diamante.

Vocês, que hoje vieram honrar-nos com sua presença, são testemunhas do novo momento de nossa trajetória e, para comemorar, convido-os, após o encerramento da sessão, para um brinde que, sem dúvida, retratará o compartilhar de uma alegria que, minha, reparto com todos vocês.